



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8752 - Pôster - 3ª Reunião Científica da ANPEd-Norte (2021)

ISSN: 2595-7945

GT 21/GT 23 - Educação, Gênero, Etnia e Sexualidade

ETNIA XERENTE: PRÁTICAS CORPORAIS CULTURAIS

Vanda Elizete Vieira da Costa - UFT-PPPGE - UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

ETNIA XERENTE: PRÁTICAS CORPORAIS CULTURAIS

Palavras chaves: Akwen-Xerente. Práticas corporais. Etnia.

1.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo relatar as práticas corporais entendidas como elementos da cultura corporal da etnia indígena xerente que assumem sentidos e significados de acordo com o contexto social no qual são vivenciados. Para consecução do trabalho vamos conhecer um pouco a Etnia. O povo Xerente formam uma população indígena com mais ou menos 3.600 pessoas que vivem em 56 aldeias (ou grupos familiares) situadas no município de Tocantínia - TO. Todos falam a língua *Akwén* ou Xerente, a qual pertence ao tronco Macro-jê e à família Jê. Historicamente os demais povos indígenas da região, tiveram sua população reduzida em pouco espaço de tempo. A população Xerente é um grupo que desde 1824 sofreu uma redução drástica: em 1824 eram quatro mil; em 1900 mil trezentos e sessenta; em 1929 oitocentos e em 1957 trezentos e cinquenta.

A história de vida dos Xerente e dos demais povos indígenas do estado do Tocantins mistura-se com a história de constituição e destituição do norte goiano, dada a Promulgação da Constituição Federal de 1988, que criou em 05 de outubro, deste mesmo ano, o estado do Tocantins, “[...] é impossível reconhecer o estado do Tocantins sem a presença dos Xerente em seu território” (FARIAS, 1990, p. 20). A etnia Xerente tinham como base de sobrevivência a agricultura, coleta de plantas comestíveis e a caça – “coleta” de animais comestíveis – três astros estelares ou elementos mitológicos: o sol, a lua e o estrela ou o menor (o caçula, *asare* em Xerente) conduziam suas atividades. Nos dias do sol, a caça era a atividade propícia. Nos dias da lua, a pesca era a atividade mais efetiva. E nos dias de *Asare*

(da estrela ou do caçula) não havia carne para comer. Esse ciclo era marcado, sobretudo, pelo tempo do Grande Jejum (ou em Xerente: *dahêwakurkwa*), tempo especialmente dedicado à reflexão, totalmente dedicado a educação das crianças, dos jovens e dos adultos da etnia. Cada clã se recolhia em sua casa e aprendia estratégias para enfrentar as três estações e suas atividades. Aos velhos ficava reservado, sobretudo nesse tempo, o cuidado com a casa os jovens, isto é, eles se tornavam os responsáveis absolutos pela educação dos futuros guerreiros. Contudo, o Grande Jejum deixou de ser praticado, o que os obrigou a ter apenas duas estações marcadas atualmente: a do sol e a da lua, os questionamentos que permanecem são: por que o Grande Jejum deixou de ser praticado? Asaré continua operando como ser mitológico?

Durante a festa anual de nomeação, chamada de *dasipê*, cada pessoa recebe um nome ligado às qualidades de um animal, planta, fenômenos e aspectos da natureza, específicos de um clã. Há uma relação intrínseca entre o *Akwén*, o meio ambiente e a cosmologia, isto é, há uma organicidade entre os Xerente e o mundo em que eles vivem, o qual se relacionam. O que há em comum entre os rituais desses grupos étnicos: o Grande Jejum – *Dahêwakurkwa* e Nomeação - *Dasipê*, são: i) a reunião “obrigatória” de todos os Xerente; divisão dual/clânica de toda a organização social do povo reunido. Há em Xerente seis clãs patrilineares que são regidos por duas metades exogâmicas que possuem um conjunto de deveres e direitos que vem sendo respeitados desde tempos imemoriais. As metades são denominadas de *Wahirê* e *Doí* e os clãs patrilineares distribuem-se da seguinte forma: *Wahirê*, *Krozake* e *Krãiprehi* vinculam-se à metade *Wahirê*. Vinculados à metade *Doí* estão os clãs *Kuzâ*, *Kbazi* e *Krito*. Esses são identificados a partir da pintura corporal específica de cada grupo. Com isso, têm-se expressas nessa pintura as relações de parentesco e as relações políticas do povo Xerente, entre outros significados. Em algumas aldeias, a partir de uma determinada idade as crianças sabem qual pintura terão que usar (antigamente era aos 10 anos, atualmente aos 05 anos). Enquanto esperam a idade chegar até aos 2 anos são pintadas com pinturas de *huku* (onça) e as entre a idade de 2 a 4 anos com pintura de *padi* (tamanduá). A pintura também é usada para indicar as associações masculinas e femininas (em Xerente: *dakrsu*).

Havia, durante o estudo de Nimuendaju, cinco associações identificadas por meio da linguagem corporal, são elas: i) *akemhã* – associação dos rapazes; ii) *krara* – dos homens adultos; iii) *annorõwa* – dos homens maduros; iv) *krieriekmu* - dos homens velhos e v) *ainõwapté pikõ* - de todas as mulheres. Essas associações, segundo Nimuendaju (1942), são relacionadas às classes de idade e essas duas “instituições” (associações e classes de idade) são responsáveis pelo ensino das variadas maneiras formais de ser/agir no mundo *Akwén*. Além de identificar a que clã pertence o indivíduo e classificando-o por idade e/ou gênero, a linguagem corporal serve como elemento identificador das metades exogâmicas, *Wahirê* e *Doí*, dos partidos da corrida de tora, *Htamhã* e *Stêromkwa*, e dos cargos cerimoniais, *Danõhũkwa*, *Pěkwa*, *Dakmãhrákwa*. Assim, é através da junção da linguagem verbal (sobretudo no ato de nomeação da pessoa Xerente) e da linguagem corporal que o indivíduo Xerente é situado e, com isso, diferente dos demais.

Nas sociedades indígenas, a transmissão das técnicas de pinturas corporais é necessária para assumir da melhor maneira os papéis sociais conquistados; portanto, “reconhece-se a capacidade da criança aprender a partir dos jogos e brincadeiras. Com isso, a criança está se apropriando de sua cultura, construindo sua identidade e identificação com seus pares e tornando-se únicas nesse contexto.

2.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a pesquisa etnográfica. A investigação etnográfica é parte da Antropologia, em especial, da Antropologia Social ou Cultural, tendo como fundamental objetivo o estudo e a consequente descrição de grupos sociais desconhecidos, através da análise do seu comportamento, de suas relações sociais e culturais, dos ritos, das técnicas, das práticas e dos saberes do grupo. Em geral, trata-se de sociedades baseadas fortemente em tradição oral, ou seja, que não possuem relatos escritos que possam servir de suporte para uma pesquisa bibliográfica ou documental. Portanto a investigação consiste em dirigir-se ao povo que se pretende estudar, ouvir as conversas, visitar os lares, assistir aos ritos, observar o comportamento habitual, interrogar sobre as tradições para obter, mediante o conhecimento direto dos modos de vida, uma visão de conjunto da cultura ou analisar algum aspecto especial da mesma.

3.

RESULTADOS PARCIAIS

Foi possível verificar, ao longo desta pesquisa que os conceitos de prática corporais estão estreitamente ligados à divisão dos clãs e o cotidiano da aldeia, através da alimentação tradicional de seus antepassados, e nos rituais de preservação cultural como: pintura corporal, corrida de tora, corrida de taquara, caçada coletiva, pescaria, trabalho na roça e natação, fundamental para a identidade cultural e para a saúde do povo Akwen-Xerente. Nesta perspectiva, os jogos, as danças, as lutas, distribuídos em modalidades, são práticas corporais que constituem diferentes formas e expressões do corpo. Uma característica do povo Xerente não tão comum em outras comunidades é a importância dada a cultura corporal como práticas tanto para a manutenção da cultura, como para aquisição de novas, por meio da interculturalidade. Os dados obtidos lançaram luz sobre os problemas essenciais de natureza e funcionamento da cultura e do comportamento social humano. Somente uma ampla base de dados descritivos foram capazes de fornecer a primazia da cultura na modelagem da conduta.

4.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível verificar também, ao longo desta pesquisa que os conceitos de prática corporais estão estreitamente ligados à divisão dos clãs e o cotidiano da aldeia, através da alimentação tradicional de seus antepassados, e nos rituais de preservação cultural como: pintura corporal, corrida de tora, corrida de taquara, caçada coletiva, pescaria, trabalho na roça e natação, fundamental para a identidade cultural e para a saúde do povo Akwen-Xerente. Nesta perspectiva, os jogos, as danças, as lutas, distribuídos em modalidades, são práticas corporais que constituem diferentes formas e expressões do corpo. Outro aspecto observado, que demonstra interação é a pintura corporal que identifica o ser humano em diferentes culturas, para os Akwen-Xerente, “o corpo é a identidade da pessoa, por isso deve ser cuidado e preservado”. Certamente, ao mencionar a pintura corporal como identidades clânicas, demonstram a fundamental importância do corpo no processo de interação social e na relação com o ambiente, uma vez que foi observado em rituais de cura realizados pelo pajé, a realização da pintura corporal. Nesse contexto, é nítida a preocupação do povo Akwê-Xerente com o cuidado corporal, que passa pelos ensinamentos culturais trabalhados desde a infância

como recreação que também exigem o fortalecimento corporal, preparando-o para enfrentar doenças e outros males.

Nesta pesquisa, foi possível compreender que os Akwen-Xerente, conservam as práticas tradicionais repassadas de geração em geração no seu cotidiano através da expressão corporal, através do uso da linguagem e convivência, mesmo aqueles que já conquistaram uma determinada formação e ou graduação dentro do grupo.

6. Referências

ALMEIDA, Arthur José Medeiros de, ALMEIDA, Dulce Maria Figueira de GRANDO, Beleni Salete. **As práticas corporais e a educação do corpo indígena: a contribuição do esporte nos jogos dos povos indígenas**. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 32, n. 2-4, p. 59-74, dez. 2010.

ALMEIDA, M. da C. de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2010. (Coleção Contextos da Ciência)

ANDRÉ, M. E. D. A. DE . **Etnografia da prática escolar**. 14. ed. Campinas: Papyrus, 2008.

BARBOSA, I. M. F. **A favor da etnografia**. *Revista de Antropologia*, v. 40, n. 1, p. 229–235, jan. 1997. CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**.

BARROSO, Lídia Soraya Liberato. **ÂZÊ SIKUTÕRI Para não esquecer: a oralidade e o conhecimento da escrita** . Fortaleza, CE, 2009.

FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça. **Antropologia do corpo: Reflexões sobre a Diversidade corporal dos Xamãs**. Faculdade de Educação Física/UNICAMP Revista Conexões, v. 6, 2001.

FARIAS, A. J. T. P. Fluxos sociais Xerente: organização social e dinâmica das relações entre aldeias. 196 f. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 1990.

GIRALDIN, Odair. **AXPÊN PYRÀK: História, Cosmologia, Onomástica e Amizade Forma Apinaje**. Tese de Doutorado – fevereiro de 2000

NIMUENDAJÚ, C. 2000 *Cartas do Sertão de Curt Nimuendajú para Carlos Estevão de Oliveira*, Apresentação e Notas Thekla de Hartmann, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia/Assírio & Alvim, **Coleção Coisas de Índios**.

SILVA, Ana Márcia, DAMIANI, Iara Regina. **Práticas corporais**. Florianópolis-SC, vol.3: Nauembla Ciência & Arte. 2005.

SILVA, José Sousa. GIRALDIN, Odair. **Interpretando o passado Xerente: Perspectivas indígenas e não – indígenas**. 26f. Dissertação (Graduação em História) – UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus de Porto Nacional, Porto Nacional – TO. 2012.

STIGGER, Marcos Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida um estudo etnográfico**. São Paulo – SP: Editora dos Autores Associados, 2002.

WENGER, E. **Comunidades de prática: aprendizagem, significado e identidade**. Barcelona: Editorial Paidós, 2001.

WENGER, E.; MCDERMOTT, R.; SNYDER, W. M. **Cultivating communities of practice**. Harvard Business School Press, 2002.